

**A IDADE MÉDIA FOI A IDADE DAS TREVAS? – UMA ANÁLISE ACERCA DAS  
CONCEPÇÕES SOBRE IDADE MÉDIA ENTRE DISCENTES E LIVROS  
DIDÁTICOS DE ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO DE GOIÂNIA.**

**Gabriel Furtado Barbosa<sup>1</sup>**

**André Costa Aciole da Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Instituto Federal de Goiás/Campus Goiânia/Licenciatura em História – Voluntário - PIVIC,  
ggabrielfurtado@hotmail.com

<sup>2</sup>Instituto Federal de Goiás/Campus Goiânia/Licenciatura em História – Orientador – PIVIC,  
andrelarissaaliceeva@gmail.com

**Resumo:** Esse artigo é parte final do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica, que se desenvolveu no Campus Goiânia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, tendo como autor o aluno da licenciatura em História que atuou como voluntário Gabriel Furtado Barbosa. O referido projeto esteve sob a orientação efetiva do Prof. Dr. André Costa Aciole da Silva. O objetivo principal do projeto foi tentar compreender as concepções dos discentes de Ensino Médio do Campus Goiânia do IFG assim como dos livros didáticos a respeito da idéia e dos temas de Idade das Trevas. Para desenvolver nossa pesquisa escolhemos as três escolas públicas com maior nota no ENEM no ano de 2014. No que tange aos livros didáticos foram analisados aqueles adotados no CEPAE/UFG e no Colégio da Polícia Militar de Goiás - Vasco dos Reis. Para aferir a concepção dos alunos sobre o medievo aplicamos questionários em todas as salas de terceiro ano do IFG – Campus Goiânia.

**Palavras chave:** Ensino Médio, Livros didáticos, Idade Média, Idade das Trevas.

## **1. Introdução**

A pesquisa e seu resultado final, o artigo, é parte do Projeto Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) realizado no Instituto Federal de Goiás no campus Goiânia. O tema se desenvolve dentro da área da educação com especificidade em Idade Média, toma como base a concepção dos alunos e a comparação com os livros didáticos.

A princípio, a pesquisa possui objetivo primeiro em entender o ponto de vista e o julgamento dos alunos de escolas públicas do ensino médio de Goiânia acerca da clássica generalização sob a Idade Média, “Idade das Trevas”. O propósito que pretendemos alcançar é compreender, a partir da análise dos livros didáticos, percepção dos discentes que utilizam tais livros.

Para analisarmos a percepção dos alunos foi precisa a aplicação de questionários a fim de compreender a concepção deles acerca do tema e da questão problema que envolve o trabalho: “A Idade Média foi a Idade das Trevas?”. Os questionários foram aplicados em todas as turmas de terceiro ano do ensino médio do Instituto Federal de Goiás do campus Goiânia, ele consiste em três questões que incitam o aluno a descrever sua compreensão sobre o medieval. Sob essa premissa comparamos as respostas com as análises dos livros didáticos.

Buscando entender essa relação, foram utilizadas as percepções de Nilton Mullet Pereira, Marcello Paniz Giacomoni, Pedro Paulo Funari, Hilário Franco Júnior e Aléxia Pádua Franco<sup>1</sup>. Através desses autores, conseguimos uma melhor visão acerca da educação do livro didático e a concepção do aluno quando se utiliza desses meios.

## **2. Instigação à pesquisa**

Observam-se muito comumente reproduções de medievalidades em mídias de comunicação e entretenimento, que resultam diretamente no aprendizado dos discentes sobre esse período histórico. O cotidiano desses alunos é repleto de características associadas ao período medieval, que podem ser encontradas principalmente em filmes e *games* e são amplamente exploradas pelas produtoras dessas mídias. Essas práticas são reproduzidas repetidas vezes aos discentes, que por vez acabam sendo trocadas pelo aprendizado do ensino médio. Contudo, isso não desmerece a experiência e o entusiasmo dos alunos para com entendimento da

---

<sup>1</sup> Veja a indicação completa nas referências bibliográficas.

Idade Média, são necessários alguns cuidados com os conhecimentos adquiridos por essas mídias, para que estes não permitam uma única visão sobre o período histórico, mas os incitem a criticidade. (FRANCO, 2010, p. 315).

O entusiasmo dos discentes com a Idade Média advém, principalmente, de contato com jogos de *RPG* e filmes fantasiosos que são, em maioria, ambientados nesse período histórico. A reprodução de batalhas, costumes, políticas e até o cotidiano do medievo fazem parte do tempo de diversão dos alunos. O grande empecilho encontra-se na visão que os produtores dessa mídia apresentam aos consumidores, visões romantizadas, produtoras de verdades incontestáveis e principalmente de “superação” desse período, como se os adventos medievais fossem considerados atrasados, são parte da concepção dos livros didáticos e ainda de muitos alunos.

O livro didático “*História sempre presente*” - Vol.1, do autor Antônio Pedro, adotado pelo Instituto Federal de Goiás, apresenta a Idade Média como distante da nossa realidade, reafirmando a ideia de um período a ser superado. O autor analisa o medievo sempre comparando com a contemporaneidade, o subtópico “*Uma sociedade muito diferente*” elucidada, segundo o autor, essa disparidade:

Além disso, o estudo da técnica e do trabalho na sociedade medieval envolve uma outra questão, tão ou mais importante do que as anteriores. Trata-se da dificuldade de situar o trabalho e a técnica em uma sociedade muito diferente da nossa. A técnica ocupa um papel central na sociedade capitalista atual. O conhecimento mais valorizado é aquele que permite aumentar a produtividade, criar novos produtos alimentar o mercado. (PEDRO, 2010, p. 234)

Essa ideia é fundamento para que a pesquisa se desenvolva, pois ela reproduz outra premissa: a idade das trevas. Trata-se de uma concepção da Renascença, advinda de uma visão muito homogeneizadora e negativa do período. A expressão transcendeu alguns séculos, o entendimento do termo tornou-se uma prática para entender o período, especialmente quando reproduzido pelas mídias.

É relevante ressaltar a posição dos renascentistas perante o medievo. Muitas vezes a concepção de realidade distante, entre contemporâneo e Idade Média, é uma constante na fala dos indivíduos desse período. As comparações das duas dinâmicas ressaltam a dissemelhança nas estruturas econômico-sociais. O autor Antônio Pedro parte de uma premissa estruturalista

para comparar o medievo, ele equipara relações capitalistas com a Idade Média, haja vista que as duas estruturas são obviamente dissemelhantes e com dinâmicas completamente diferentes.

### **3. O dispositivo**

Muitas vezes grupos ou indivíduos utilizam-se da história como soluções para as adversidades do tempo em que se escreve. Michel Foucault elucida e, traz ao campo historiográfico, a compreensão, de que, a necessidade de se escrever a história faz-se a partir de premissas inquietantes que conturbam o período de escrita de uma determinada época. Diferentes períodos históricos produzem suas verdades, mitos, fatos aceitáveis ou não, que dependem das situações e de processos complexos que a produzem.

Foucault desenvolve a idéia de “*Dispositivo*”, que consiste no dito e no não-dito, isto é, traduz-se como diversos fatores e ideologias que compõem instituições, decisões, leis e morais. O conceito equivale a uma máquina que permite ou não que algo se constitua como verdade, mentira ou esteja passível de desprezo. Em outras palavras, ele é regulador do que compreendemos como qualificado ou ultrapassado. Torna-se fundamental entendê-lo na alegação de uma resposta para algo que inquieta e é premente na sociedade. E acordo com os autores:

Foucault afirma que dispositivo é um tipo de formação das relações de poder, de saber, de subjetivação. Uma formação desse tipo é específica de um determinado momento histórico, constituído com a finalidade de responder a uma “urgência”, ou seja, responder a um problema do seu tempo. (PEREIRA, GIACOMONI, 2008, p. 24)

O dispositivo é, em grande parte, responsável pelas legitimações de subjetivação, que constituem também o poder. A partir do poder, as instâncias tornam-se verdade de acordo com os indivíduos que o detém, isto é, quem possui a dominação, acaba, a partir de suas concepções, por definir as verdades.

#### **3.1 O dispositivo de medievalidade e sua relação com os livros didáticos**

O dispositivo de medievalidade aparece, segundo Pereira e Giacomoni (2008), em dois períodos posteriores a Idade Média: na modernidade e na contemporaneidade, ambas estão sendo reprodutoras da ideia de Idade das Trevas e todas as interpretações que compõem esse termo.

Os humanistas da Renascença observam a Idade Média apoiados em um fator de medo, gerado pela peste, fome e constantes guerras entre os mouros e cristãos. Eles partem desse princípio para homogeneizar a Idade Média em um período obscurecido pelas mazelas produzidas pelas instituições. Tem-se, nesse aspecto, uma clara amostragem do dispositivo. Os renascentistas escrevem a história a partir de seus preceitos morais, condenando ou elogiando os acontecimentos.

Os contemporâneos tomam a Idade Média como superação de uma situação de irracionalidade, em grande parte proporcionada pela Igreja Católica. Pautam-se, principalmente na ideia de evolução do pensamento. Esse evolucionismo está muito próximo a uma noção de um princípio incompleto do ser humano, isto é, um início em que o indivíduo está em sua forma primeira de ignorância. De acordo com esse raciocínio o ser humano precisa sair de seu estado inicial e progredir (evoluir) para um ponto máximo de sua capacidade intelectual. Por isso, é visto comumente nos livros didáticos uma premissa quase iluminista de se analisar a Idade Média. Ao qual o medievo é o estado de ignorância do ser humano, onde sua mentalidade é menos explorada e o objetivo que se pretende chegar é o tempo em que se escreve (ponto máximo da evolução).

De uma maneira geral, não existem livros didáticos bons ou ruins. Isto é, independente da visão sobre o passado, ele produz uma interpretação única sobre o objeto. Contudo, o que ele não pode é expor apenas essa visão como uma verdade indubitável. É papel do livro didático incitar à crítica e, oferecer ao aluno a possibilidade de um entendimento próprio sobre o objeto apresentado pela historiografia. Ou seja, é imprescindível que o discente transcenda visões clássicas, no intuito de criar sua própria opinião. (FUNARI, 2004, s/p).

Nesse aspecto, o dispositivo aparece como algo a ser entendido, que o tempo histórico produz suas verdades e seus mitos. A visão do tempo de escrita é, em grande maioria, produtora de uma verdade última, na imaginação de que nunca será contestado. Disso o discente precisa assimilar. A Idade Média consiste em um tempo histórico não distante do nosso, mas com dinâmicas sociais diferentes, porém, mesmo com séculos de diferença, nosso cotidiano é repleto de diversas medievalidades.

Todavia, os livros didáticos não contribuem totalmente para que o discente assemelhe o medievo com uma idade obscura. Mais uma vez a comparação entre contemporaneidade e Idade Média é parte da mentalidade do alunado. A concepção de atraso é mais ressaltada quando a discrepância de tecnologia entre os dois períodos vem à tona; a paridade entre imagens, áudios e

vídeos com pinturas e arquiteturas góticas deixam a Idade Média como algo ultrapassado, chato e sem uso. Ou seja, o uso de fontes clássicas e a comparação com a tecnologia permitem a geração da concepção de Idade das Trevas.

#### **4. Algumas percepções acerca dos livros didáticos adotados nas escolas: CEPAE/ UFG e CPMG Vasco dos Reis**

##### **4.1 “Oficina de História” – Flávio Campos e Regina Claro**

O livro “Oficina de História” – Flávio Campos e Regina Claro, adotado pelo CEPAE/UFG apresenta, inicialmente, em seu primeiro capítulo sobre Idade Média, uma linha do tempo que abrange todo o período convencionado dessa era. A crítica a essa idéia é a de tempo contínuo que é indiretamente implícita pela linha do tempo, é concepção de linearidade da História, ou seja, a impressão que se tem quando observamos a linha do tempo é de que os eventos históricos acontecem em tempos isolados, seqüenciais e sem conexão um com os outros. Trata-se de uma crítica clássica a um modelo de apresentação dos fatos muito presente nos métodos educacionais da disciplina.

O livro consegue apresentar bem o processo de ressignificação cultural entre os germanos e romanos no início da Idade Média. Os aspectos culturais de ambas as civilizações engendraram-se sem que haja o conflito entre “*Barbárie x Civilização*”. No que concerne a visão eurocêntrica, há uma tentativa de se afastar desses preceitos, principalmente na apresentação de práticas religiosas dos germanos. Entretanto, mesmo mostrando as peculiaridades dos germanos, ainda há certa insuficiência que não incita completamente a análise crítica dos leitores.

O mesmo problema se repete na explicação da *Jihad* no universo islâmico e a sua importância nas cruzadas. O livro explana superficialmente a guerra justa, visto que boa parte dos conflitos contemporâneos no oriente médio possuem resquícios da *Jihad*, nesse aspecto o livro acaba por explorar muito pouco a guerra justa. Contudo, os textos apresentam boas reflexões acerca de alguns costumes que ainda prevalecem na contemporaneidade, tal como o carnaval, afastando um pouco a ideia de atraso da idade média.

Na tentativa de analisar as relações de matrimônio do período, o autor coloca-se com interpretações contemporâneas. Possui alguns problemas na concepção de amor e acaba por trazer uma visão romantizada sobre as cortes dos nobres.

Um curioso e perigoso jogo de amor era praticado pelos nobres na Idade Média. Desde o século XII, os jovens cavaleiros que circulavam pelos castelos europeus dedicavam-se a cortejar as damas que também moravam nessas fortificações. Ocorre que muitas dessas damas eram casadas. E a esposa, muitas vezes, era admirada na frente do marido. Os cavaleiros escreviam poesias, compunham canções de amor, lançavam elogios, olhares, solicitavam danças às suas amadas. E, evidentemente, combatiam por elas em torneios. Muitas vezes, com um lenço perfumado em suas lanças. (CAMPOS e CLARO, 2013, p. 161)

#### **4.2 “História: Sociedade e Cidadania” – Alfredo Boulos**

O livro didático “*História: Sociedade e Cidadania*” -Alfredo Boulos, adotado pelo CPMG Vasco dos Reis, a priori não trabalha a história de forma processual, não divide em eras ou épocas, ele trabalha com os eventos em si. Ao início da parte que concerne a idade média, o autor prende-se na imprescindível explicação sobre o próprio termo “Idade Média” dado ao período pelos positivistas da modernidade, e que ela baseia-se em três pontos: heranças romanas, heranças germânicas e o cristianismo. Em primeira instância, como tentativa de repelir a idéia de “*idade das trevas*”, o autor usa de um texto do historiador Hilário Franco Junior, que serviu de bibliografia básica para a análise desses livros didáticos. O livro divide-se em mostrar termos e conceitos característicos da idade média para fundamentar as explicações sobre o sistema econômico vigente e as demais particularidades do período.

Porém, partindo da premissa de explicar o feudalismo a partir desses conceitos o autor cai em noções clássicas de feudos. Em certa parte do livro ele exemplifica um feudo representado em um pedaço de terra, isso pode demonstrar ao aluno que um feudo equivale a terra sendo que esse conceito é muito mais complexo e abrange muito mais posses para vassalo ou suserano. Outra parte que abrange a explicação do feudalismo é o tópico “*Mudanças do Feudalismo*” que possui apenas um parágrafo e mostra de maneira extremamente superficial as mudanças, isto é, o que concerne a invenções ao longo da consolidação desse sistema econômico é esquecido pelo autor e passa ainda mais a impressão do atraso.

Na apresentação das outras civilizações, o autor se afasta da briga entre preceitos europeus contra os bárbaros. Contudo, acaba criando um abismo muito grande entre os muçulmanos e os ocidentais, visto que grande parte dos nossos numerais, traduções de livros, universidades e etc, surgiram em um meio islâmico. Isso ocorre, pois o autor apresenta

insuficientemente a economia, cultura e política muçulmana. O mesmo acontece com o capítulo de história africana, ao qual temos a impressão de uma grande unidade no território e que os povos não lutaram contra invasões europeias e islâmicas, deixando levar pela dominação dos atacantes.

## **5. Análise dos questionários aplicados aos alunos do IFG – Campus Goiânia**

Foram aplicados, a fim de entender a concepção dos discentes, questionários nas salas do terceiro ano do ensino médio do IFG Campus Goiânia, dos cursos: Controle Ambiental, Edificações, Eletrônica, Eletrotécnica, Instrumento Musical, Mineração e Telecomunicações.

Os questionários contém as seguintes questões:

- 1- Quando falamos sobre Idade Média você lembra-se de quê?
- 2- Considerando que no Brasil não tivemos um período medieval, então, porque estudar Idade Média na Educação Básica (Fundamental e Média)?
- 3- Considerando que você estivesse em um evento escolar onde estivessem presentes seus colegas de todas as séries da escola e lhe fosse proposto falar sobre a Idade Média para eles: Como você contaria a história da Idade Média?

### **1. “Quando falamos sobre Idade Média você lembra-se de quê?”**

A primeira questão foi responsável pela maioria das concepções que permeavam as noções de Idade das trevas. Grande parte das respostas continham os aspectos dessa ideia, tanto no fator das guerras e pestes como na concepção de atraso. Alguns ressaltaram as medidas incisivas da igreja católica no cotidiano dos indivíduos, de fato não estão erradas, mas alguns entenderam como um fator que “atrasou a humanidade”. Esses termos são recorrentes nas respostas dos alunos.

O que é latente nas alegações dos discentes são as imagens de bruxas, cavaleiros, princesas e castelos, muito relacionados com seriados e filmes. Relacionam-se essas características com a importância das famílias reais em algumas respostas, tendo-se a noção de uma história muito voltada as instancias da nobreza do que para outros grupos sociais. Isso é

produto de um contato direto com essas mídias, que por vez criam uma mentalidade romantizada da Idade Média. Os que escreveram sobre, alegam sempre um entusiasmo sobre o tema.

Contudo, uma parcela das respostas voltou-se a questões historiográficas mais pertinentes, em especial a turma de Instrumento Musical. Alguns ressaltaram a importância dos burgos para o desenvolvimento de um grupo social que mais à frente formou a burguesia. Houve também a citação da importância das artes de uma maneira geral, no caso dos técnicos em música, os nomes de músicos apareceram esporadicamente. Juntamente a isso, foi-se ressaltado a criação das universidades, mas sempre atrelada a dominação negativa da Igreja.

## **2. “Considerando que no Brasil não tivemos um período medieval, então, porque estudar Idade Média na Educação Básica (Fundamental e Média)?”**

As respostas desta questão foram demasiadamente divergentes, causado tanto pelo grau de dificuldade da mesma como pela visão de Idade das Trevas que os discentes possuem. Um aspecto relevante, até generalizante, que se manteve na maioria das questões foi a capacidade de entender que a Idade Média conseguiu de alguma forma afetar a colonização do novo mundo. Nenhum aluno conseguiu especificar com clareza como as medievalidades adentraram nas colônias americanas.

Alguns alunos de Controle Ambiental ressaltaram a importância de uma “história mais geral”, menos eurocentrista e mais voltada a questões de outras civilizações. A grande maioria dos alunos que alegou isso conseguiu elencar, de maneira geral, que as grandes navegações trouxeram alguns costumes aos nativos e colonos que habitaram as terras das colônias.

## **3. “Considerando que você estivesse em um evento escolar onde estivessem presentes seus colegas de todas as séries da escola e lhe fosse proposto falar sobre a Idade Média para eles: Como você contaria a história da Idade Média?”**

Nessa questão a boa parte dos alunos deixou em branco, talvez pela dificuldade de explicar o período em algumas palavras. Os que responderam, em grande maioria, explicaram a partir da concepção de Idade das Trevas. Explicariam na premissa de que esse período tratar-se-ia de um atraso e homogeneizá-lo-ia partindo da ideia negativa de superação e contradições do sistema feudal.

O grande desafio dessa questão estaria na dificuldade em explicar a Idade Média para um público. Seria necessária a confiança do orador em suas concepções sobre o tema, isso força o aluno a escrever o que se sentiria confortável em falar na frente de um público. As respostas transitam nas mesmas ideias da primeira questão.

## **6. Conclusão**

Os resultados conseguidos a partir das análises dos livros didáticos e dos questionários aplicados nas salas dos discentes foram favoráveis e superaram algumas expectativas. O questionamento base para o desenvolvimento dessa pesquisa foi aplicado com exatidão em ambas as análises. O que foi previsto para os livros didáticos, antes de tudo, foi a capacidade do autor de incitar a criticidade do alunado. Ou seja, procuramos no livro didático um estímulo para a crítica quando é apresentado a Idade Média. Para os discentes foi previsto o reflexo do ensinamento desses livros didáticos.

Os livros analisados do CEPAE/UFG e CPMG Vasco dos Reis modificaram suas propostas pedagógicas em comparação aos livros anteriores. A grande maioria conseguiu, por meio dos textos dos livros didáticos incitarem a crítica nos alunos. A adição de textos, como os de Hilário Franco Junior e outros historiadores, enriqueceram a abordagem sobre o período e indagam sobre a presença de medievalidades na contemporaneidade e aproximação do medievo no nosso cotidiano.

Os alunos, em grande parte, ainda reproduzem a concepção de Idade das Trevas. Os discentes se sentem confortáveis ao abordar o período com essa visão. Apesar das metodologias pedagógicas se modificarem, essa ideia ainda permanece forte na mentalidade do alunado. É visível que os alunos veem a Idade Média como um período afundado em negatividades como peste, guerras, mortes, bruxarias entre outros aspectos. Essa visão vem acompanhada com romantização do período, proporcionada, também pelas mídias como apontado pelos próprios alunos.

A experiência foi enriquecedora para todas as partes envolvidas nesse projeto. Desde a análise dos livros como a aplicação dos questionários e a escrita do artigo, contribuíram enormemente para a formação de aspirante a pesquisador.

**Fontes:**

BOULOS JUNIOR, Alfredo. História sociedade & cidadania. 1º ed – São Paulo: FTD, 2013.

CAMPOS, Flávio de. Oficina de história: volume 1. 1º ed. São Paulo: Leya, 2013.

PEDRO, Antonio. História sempre presente. 1º ed. – São Paulo: FTD, 2010.

**Bibliografia:**

FRANCO, Alexia Pádua. A cultura Midiática Infantil e a Construção da Noção de Tempo Histórico. Cad. Cedes, Campinas, vol 30, n. 82, p. 311-323, set-dez. 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Ecos do passado: A Idade Média está muito mais presente no nosso dia-a-dia do que imaginamos. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. 02 jun. 2008. Disponível em: < <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/educacao/ecos-do-passado> > Acesso em 08 ago. 2015.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. A importância de uma abordagem crítica da história antiga nos livros escolares. *História Hoje* 4, 2004. <http://www.anpuh.org/> Acessado em 30 de janeiro de 2007.

PEREIRA, Nilton Mullet e GIACOMONI, Marcello Paniz. Possíveis Passados: representações da Idade Média no ensino de História. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.